

ABBI GLINES

RUSH
SEM LIMITES

Ele tentou fugir.
Mas a paixão foi maior.





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*A Natasha Tomic, primeira pessoa a juntar “Rush”
e “Paixão à primeira vista”. Você me deu cobertura,
me fez rir, ouviu minhas preocupações e bebeu mais de
uma taça de vinho comigo. Você passou de blogueira
apoiadora a amiga verdadeira.*

PRÓLOGO

Dizem que as crianças são os seres de coração mais puro. Que não odeiam de verdade, porque não compreendem o que sentem. Que perdoam e esquecem facilmente.

Dizem esse monte de bobagens só para poderem colocar a cabeça no travesseiro sem culpa. É tudo para o bem deles. Essas frases reconfortantes são penduradas nas paredes e provocam sorrisos ao passarem por elas.

Já eu penso diferente. Para mim, as crianças amam como ninguém mais. Elas amam com mais intensidade do que qualquer outra pessoa. Isso é verdade. Eu sei. Porque vivi isso. Aos 10 anos, conheci o ódio e também o amor. Ambos exaustivos. Ambos capazes de mudar a vida. E ambos completamente ofuscantes.

Olhando para trás, gostaria que alguém estivesse lá para ver como minha mãe plantara a semente do ódio dentro de mim. Dentro da minha irmã. Se alguém tivesse nos salvado das mentiras e da amargura que ela incentivou em nós, talvez as coisas fossem diferentes. Para todos os envolvidos.

Eu nunca teria agido de forma tão tola. Não teria sido culpa minha que uma garota tivesse que cuidar sozinha da mãe doente. Não teria sido culpa minha que essa garota tivesse ficado ao lado do túmulo da mãe acreditando que a última pessoa no mundo que a amava estava morta. Eu não teria culpa pela destruição de um homem, cuja vida se transformaria numa casca quebrada e vazia.

Mas ninguém me salvou.

Ninguém nos salvou.

Acreditamos nas mentiras; nos agarramos ao nosso ódio. E eu acabei destruindo a vida de uma garota inocente.

Dizem que você colhe o que planta. Besteira. Porque eu deveria estar queimando no inferno pelos meus pecados. Não deveria poder acordar todos os dias com essa mulher linda que me ama incondicionalmente. Não deveria poder pegar meu filho no colo e desfrutar tanta alegria.

Mas eu posso.

Porque, no fim, alguém me salvou, ainda que eu não merecesse. Que inferno, era minha irmã que deveria ter sido salva, mais do que ninguém. Ela não agira levada pelo ódio. Não manipulara o destino de outra família sem se preocupar com as consequências. Mas a amargura ainda a controla; já eu fui libertado. Por uma garota...

Mas ela não é apenas uma garota. É um anjo. Meu anjo. Um anjo lindo, forte, corajoso e leal que entrou na minha vida em uma caminhonete, empunhando uma arma.

CAPÍTULO 1

Esta não é uma história de amor comum. Na verdade, é tão complicada que nem chega a ser linda. Mas quando você é o filho bastardo do lendário baterista de uma das bandas de rock mais amadas do mundo, é de esperar que seus relacionamentos não sejam perfeitos. Você é até conhecido por isso. Acrescente à mistura a mãe egoísta, mimada e autocentrada que me criou, e o resultado não é nada bom.

Eu poderia começar esta história por muitos lugares. No meu quarto, onde eu abraçava minha irmã, que vivia chorando com as palavras cruéis da nossa mãe. Na porta de casa, de onde ela via – as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto – meu pai me levar para passar o fim de semana, deixando-a sozinha. As duas coisas aconteciam com bastante frequência e me marcaram para sempre. Eu detestava ver minha irmã chorar. No entanto, tive que aprender a lidar com isso.

Tínhamos a mesma mãe, mas nossos pais eram diferentes. O meu era um roqueiro famoso, que me introduzia naquele mundo de sexo, drogas e rock and roll em um fim de semana ou outro e por um mês durante o verão. Ele nunca se esquecia de mim. Nunca inventava desculpas. Estava sempre presente. Por mais imperfeito que fosse, Dean Finlay sempre aparecia para me buscar. Mesmo quando não estava sóbrio.

Já o pai de Nan não se importava com a filha. Ela ficava sozinha quando meu pai me pegava, e, ainda que eu adorasse passar os dias com ele, ficava triste ao saber que Nan precisava de mim. Eu que era o pai dela. A única pessoa em quem confiava para cuidar dela. E isso me fez amadurecer bem rápido.

Quando pedia ao meu pai que a levasse junto, ele fazia uma expressão triste e balançava a cabeça.

– Não posso, filho. Bem que eu queria, mas sua mãe nunca vai permitir.

E não dizia mais nada. Eu compreendia que, se minha mãe não deixava, não havia esperança. Então, Nan ficava sozinha. Queria odiar alguém por isso, mas era difícil odiar minha mãe. Ela era minha mãe, afinal de contas. E eu era uma criança.

Então, descobri a quem direcionar o ódio e o ressentimento por aquela injustiça. Ao homem que nunca ia vê-la. Aquele cujo sangue corria pelas veias dela, embora ele não a amasse o suficiente nem para mandar um cartão de aniversário. Ele tinha a própria família agora. Nan fora vê-los uma vez.

Ela havia obrigado mamãe a levá-la até a casa do pai. Queria conversar, ver o rosto dele. Tinha certeza de que ele a amaria. No fundo, acho que Nan pensava que mamãe não havia contado a ele a respeito dela. Parecia viver num conto de fadas em que seu pai surgiria para salvá-la. Para lhe dar o amor que ela tanto desejava.

A casa dele era menor do que a nossa. Muito menor. Ficava a sete horas de viagem, numa cidadezinha do interior do Alabama. Para Nan, era perfeita. Mamãe achou-a patética. Mas não era a casa que assombrava minha irmã. Não era a cerquinha branca que ela me descrevera em detalhes. Ou o aro de basquete do lado de fora e as bicicletas apoiadas na porta da garagem.

Era a garota que abrira a porta. Tinha cabelos compridos, tão louros que eram quase brancos. Nan achou que parecia uma princesa. Exceto pelos tênis sujos que estava calçando. Minha irmã nunca teve um par de tênis. A menina sorria para ela, e Nan ficara momentaneamente encantada. Então vira as fotos na parede. Fotos que mostravam a menina junto com outra exatamente igual a ela. E um homem segurando as mãos das duas. Ele estava sorrindo.

Era o pai *delas*.

A garota que lhe tinha aberto a porta era uma das filhas que ele amava. Era óbvio, até mesmo para o olhar juvenil de Nan, que ele estava feliz naquelas fotos. Não sentia falta da filha que deixara para trás. A filha de cuja existência sua mãe insistia em dizer que ele sabia.

E todas aquelas coisas de que nossa mãe tentara convencê-la ao longo dos anos e que Nan tinha se recusado a acreditar de repente fizeram sentido. Ela estava falando a verdade. Seu pai a ignorava porque tinha a vida dele. Uma esposa e aquelas duas filhas lindas e angelicais que se pareciam tanto com eles.

Aquelas fotos torturaram Nan por anos depois disso. Mais uma vez, senti vontade de odiar minha mãe por tê-la levado até lá. Por ter esfregado a verdade na cara dela. Pelo menos Nan era feliz enquanto vivia sua fantasia, mas perdeu a inocência naquele dia. E o ódio que eu sentia pelo pai dela e pela família dele começou a crescer dentro de mim.

Aquelas garotas tiraram da minha irmãzinha a vida a que ela tinha direito, um pai que pudesse amá-la. Elas não o mereciam mais do que Nan. A mulher com quem ele se casara se aproveitava de sua beleza e das filhas para mantê-lo afastado de Nan. Eu odiava todas elas.

Acabei sendo levado pelo ódio, mas, na verdade, a história começa na noite em que Blaire Wynn entrou nervosa na minha casa com aquele maldito rostinho de anjo. Meu pior pesadelo...

Eu dissera a Nan que não queria ninguém em casa naquela noite, mas ela convidou as pessoas mesmo assim. Minha irmãzinha nunca aceitava não como resposta. Recostado no sofá, eu tinha estendido as pernas e bebia uma cerveja. Precisava ficar quieto um pouco para me certificar de que as coisas não saíam do controle. Os amigos de Nan eram mais novos do que os meus. E às vezes podiam ser muito bagunceiros. Mas eu tentava deixar isso de lado porque a fazia feliz.

A fuga de nossa mãe para Paris com o novo marido, o pai ainda negligente de Nan, não contribuía para melhorar o humor da minha irmã. Aquilo era tudo em que eu podia pensar para alegrá-la. Desejei que minha mãe tirasse os olhos do próprio umbigo pelo menos uma vez na vida.

– Rush, esta é a Blaire, acho que talvez seja sua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido. – A voz de Grant interrompeu meus pensamentos.

Olhei para meu irmão postigo e então para a garota parada ao lado dele. Já tinha visto aquele rosto antes. Ela estava mais velha, mas a reconheci.

Merda.

Ela era uma delas. Não sabia como se chamavam, mas lembrava que eram duas. Esta era... Blaire. Olhei para Nan e a vi não muito longe fazendo uma careta. Isso não ia ser nada bom. Grant não tinha percebido quem era aquela garota?

– É mesmo? – respondi, pensando em como tirá-la dali... e rápido.

Nan estava prestes a explodir. Examinei a garota que foi uma fonte de sofrimento para minha irmã durante quase toda a sua vida. Ela era deslumbrante. Seu rosto em formato de coração adornava grandes olhos azuis cujos cílios eram os mais longos que eu já tinha visto. Cachos louros platinados roçavam seus seios muito bonitos, que ela exibia em uma regata justa. Caramba. É, ela precisava ir embora.

– Ela até que é gata, mas é muito novinha. Não dá para dizer que é minha.

A garota se encolheu. Se eu não a estivesse observando tão atentamente, teria ficado sem reação. Aquele seu olhar perdido não ajudava. Ela havia entrado naquela casa sabendo que não era bem-vinda. Por que parecia tão inocente?

– Ah, ela é sua, sim. Considerando que o papai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a sua mamãe... eu diria que agora ela é sua, sim. Eu bem que ofereceria a ela um quarto na minha casa, se você preferisse. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na picape. – Grant estava achando aquilo divertido. Que escroto. Ele sabia muito bem quem ela era. E adorava o fato de que isso incomodava Nan. Grant era capaz de qualquer coisa para irritá-la.

– Nem por isso ela é minha – respondi. Ela precisava se mancar e ir embora.

Grant pigarreou.

– Está de brincadeira, não está?

Tomei um gole de cerveja e ergui os olhos para ele. Não estava a fim de dramalhões. Aquilo já tinha ido longe demais. Até mesmo para Grant. A garota precisava ir embora.

Blaire parecia querer sair correndo. Aquilo não era o que ela esperava. Teria mesmo pensado que seu velho e querido pai estaria ali? A história toda parecia conversa fiada. Afinal, ela convivera com o sujeito por catorze anos. Eu o conhecia havia apenas três e sabia que ele não valia nada.

– Estou com a casa cheia de convidados hoje. E a minha cama já está lotada – informei a ela, olhando de novo para meu irmão. – Acho que é melhor ela procurar um hotel até eu conseguir falar com o *papai* dela.

Blaire pegou a mala que Grant estava segurando.

– Ele tem razão. É melhor eu ir embora. Foi uma péssima ideia – disse, com a voz um pouco trêmula.

Grant não soltou a mala. Blaire puxou-a com força. Pude ver seus olhos marejados, e fiquei com a consciência pesada. Deixei passar alguma coisa? Ela achava de verdade que a receberíamos de braços abertos?

Blaire correu para a saída. Vi a alegria de Nan quando a outra passou por ela.

– Já vai, tão cedo? – Nan lhe perguntou.

Blaire não respondeu.

– Você é um cretino insensível. Sabia disso? – Grant rosnou ao meu lado.

Eu não estava a fim de discutir. Nan se aproximou com um sorriso triunfante. Tinha adorado aquela cena. Compreendi o motivo: Blaire era uma lembrança de tudo o que Nan não tivera quando criança.

– Ela continua exatamente como me lembro: pálida e sem graça – murmurou minha irmã, afundando ao meu lado no sofá.

Grant bufou.

– Você é tão cega quanto má. Pode odiá-la à vontade, mas ela é de dar água na boca.

– Não comece – alertei Grant. Nan podia parecer feliz, mas eu sabia que, se ela parasse um pouco para pensar, acabaria desabando.

– Se você não for atrás dela, eu vou. E vou levar aquela bunda gostosa para casa. Ela não é o que vocês estão pensando. Eu conversei com ela. Blaire não sabe de nada. O idiota do pai de vocês duas é que pediu que ela viesse para cá. Ninguém é capaz de mentir tão bem assim – disse Grant olhando com raiva para Nan.

– Papai nunca pediria isso. Ela veio para cá porque é interesseira. Sentiu o cheiro do dinheiro. Viram o que ela estava vestindo? – Nan torceu o nariz de nojo.

Grant deu uma risada.

– Claro que sim, vi o que ela estava vestindo. Por que acha que eu quero tanto levá-la para casa? Ela é muito gostosa, Nan. Não estou nem aí para o que você diz. A garota é inocente, está perdida e tem um corpo sensacional.

Grant se virou e seguiu na direção da porta. Ele ia atrás dela. Eu não podia permitir. Era fácil enganá-lo. Concordei que a garota era um presente para os olhos, mas ele estava pensando com o pau.

– Pare. Eu vou atrás dela – avisei, me levantando.

– O quê? – questionou Nan, com um tom de voz horrorizado.

Grant deu um passo para trás e me deixou passar por ele. Não olhei para minha irmã. Ele estava certo. Eu precisava ver se Blaire estava fingindo ou se fora chamada para vir para minha casa pelo idiota do pai dela. E também queria dar uma olhada nela sem plateia.

CAPÍTULO 2

Blaire andava na direção de uma picape velha e detonada quando abriu a porta de casa e saí. Fiz uma pausa, imaginando se a caminhonete era dela ou se alguém a havia levado até ali. Grant não tinha mencionado mais ninguém. Estreitei os olhos na escuridão para tentar enxergar alguém dentro do veículo, mas não consegui assimilar nada daquela distância.

Ela abriu a porta do motorista e fez uma pausa para respirar fundo. Foi quase dramático, ou pelo menos teria sido se ela soubesse que estava sendo observada. No entanto, pela forma como os ombros dela arquearam antes de entrar na picape, Blaire não fazia ideia.

Mas, por outro lado, talvez sim. Eu não sabia nada sobre aquela garota. Apenas que o pai dela não passava de um aproveitador. Ele aceitava o afeto ou amor que minha mãe e Nan lhe davam, mas nunca retribuía. O sujeito era frio. Eu via isso nos olhos dele. Não se importava nem um pouco com Nan ou com a idiota da minha mãe. Estava usando as duas.

A garota era linda. Ninguém poderia questionar isso. Mas ela também havia sido criada por aquele homem. Podia ser uma grande manipuladora. Usar a beleza para conseguir o que queria, sem se importar com quem poderia machucar pelo caminho.

Desci as escadas e andei na direção da picape. Blaire ainda estava sentada lá, e eu queria que fosse embora antes que Grant saísse e caísse em seu golpe. Acabaria levando-a para casa. E ela o usaria até ficar entediada. Eu não estava protegendo apenas Nan, mas Grant também. Ele era um alvo fácil para ela.

Blaire se virou, e nossos olhares se cruzaram logo antes de ela soltar um grito. Seus olhos vermelhos davam a real impressão de que estava chorando de verdade. Como não havia ninguém ali fora, talvez aquilo não fosse mesmo um golpe.

Esperei que ela fizesse algo além de me encarar como se o estranho fosse eu, quando *ela* é que estava na *minha* propriedade. Como se tivesse lido a minha mente, ela voltou para o volante e girou a chave na ignição.

Nada.

Começou a ficar histérica ao tentar fazer a picape pegar, mas, pelo barulho, imaginei que não houvesse uma gota de combustível no tanque. Talvez estivesse desesperada. Eu ainda não confiava nela.

Vê-la frustrada dando tapas no volante foi uma cena engraçada. De que adiantaria aquilo se a idiota havia deixado o tanque vazio?

Ela finalmente abriu a porta da picape e olhou para mim. Se não era tão inocente quanto aparentava, a garota era uma ótima atriz.

– Problemas? – perguntei.

A expressão em seu rosto denunciava que ela não queria me dizer que não conseguia ir embora. Lembrei a mim mesmo que ela era filha de Abe Wynn. A que ele havia criado. A que ele preferira, abandonando Nan durante todos aqueles anos. Eu não sentiria pena dela.

– Acabou a gasolina – disse ela, baixinho.

Fala sério. Se a deixasse voltar para casa, eu teria que lidar com Nan. Do contrário, seria Grant quem cuidaria dela. E então era bem provável que ela se aproveitasse dele.

– Quantos anos você tem? – perguntei. Eu já deveria saber a resposta, mas, droga, pensei que ela fosse mais velha do que parecia.

Os olhos arregalados e a expressão assustada faziam com que Blaire parecesse mais nova. A forma como ela preenchia a regata e os jeans era o único sinal de que ela era ao menos maior de idade.

– Dezenove – respondeu.

– Sério? – retruquei, sem saber se acreditava nela.

– Sério. – A testa franzida era uma graça. Droga. Eu não queria achar que ela era uma graça. Ela significava uma porra de uma complicação da qual eu não precisava.

– Foi mal. É que você parece mais nova – disse, abrindo um sorriso malicioso. Então passei meus olhos pelo corpo dela. Não queria que ela pensasse que eu era alguém em quem podia confiar. Não era. Nunca seria.

– Retiro o que eu disse. Seu corpo tem toda a pinta de 19. É o seu rosto que parece muito jovem. Você nunca usa maquiagem?

Ela não se ofendeu, mas franziu a testa ainda mais. Não era o efeito desejado.

– A gasolina acabou. Eu tenho 20 dólares na bolsa. Meu *pai* fugiu e me abandonou depois de me dizer que me ajudaria. Acredite em mim: ele era a ÚLTIMA pessoa para quem eu pediria ajuda. E não, eu não uso maquia-

gem. Tenho problemas mais graves no momento do que ficar bonita. E agora, você vai chamar a polícia ou um reboque? Se eu puder escolher, prefiro a polícia.

Blaire tinha mesmo sugerido que eu chamasse a polícia? E era mesmo desprezo pelo querido papai que ouvi na voz dela? Tinha quase a maldita certeza de que sim. Talvez ele não tenha sido o modelo de pai que Nan imaginara ao fazer aquela curta visita quando criança. Parecia que Abe estava na lista negra de Blaire.

– Eu não gosto do seu pai e, pelo tom da sua voz, você também não – ponderei, trabalhando com a ideia de que talvez ela fosse outra vítima de Abe Wynn. Ele abandonara Nan e parecia ter abandonado aquela filha ali também. Eu estava prestes a fazer algo de que me arrependeria.

– Tem um quarto vazio hoje à noite. Vai ficar vazio até a minha mãe voltar. Eu não peço para a empregada dela vir quando ela está viajando. Nas férias dela, Henrietta só vem fazer faxina uma vez por semana. Você pode ficar no quarto debaixo da escada. É pequeno, mas tem cama.

A descrença e o alívio que atravessaram o rosto dela por pouco fizeram a ideia de enfrentar Nan valer a pena. Embora eu tivesse quase certeza de que as duas tinham sido abandonadas pelo pai, sabia que minha irmã jamais aceitaria isso. Ela estava determinada a odiar alguém, e Blaire acabaria pagando o pato.

– Minha alternativa é esta picape. Posso garantir a você que o que está me oferecendo é bem melhor. Obrigada – respondeu ela com a voz tensa.

Porra. Eu ia mesmo deixar essa garota dentro de uma picape? Era perigoso.

– Cadê sua mala? – indaguei, querendo acabar logo com aquilo e ir conversar com Nan.

Blaire fechou a porta da picape e foi até a traseira pegar a mala. Não havia como aquele corpinho frágil levá-la por cima da carroceria. Estendi o braço por trás dela e peguei a bagagem.

Ela se virou, e o olhar espantado me fez sorrir. Pisquei para ela.

– Posso carregar a sua mala. Não sou tão babaca assim.

– O-obrigada – gaguejou, sem tirar aqueles olhos imensos inocentes de cima de mim.

Caramba, Blaire tinha cílios longos. Não costumava ver garotas sem maquiagem com frequência. A beleza natural de Blaire era espantosa. Eu precisava me lembrar de que ela representava problemas. Tinha que manter

distância. Deveria ter deixado que ela pegasse a própria mala. Se Blaire me achasse um cretino, ficaria longe.

– Ah, que bom que você a deteve. Eu estava dando cinco minutos antes de sair para me certificar de que não tinha afugentado totalmente a menina – disse Grant, me tirando do transe a que aquela garota me submetera. Puta que pariu, eu precisava parar com essa merda.

– Ela vai ficar no quarto da Henrietta até eu conseguir falar com o pai dela e dar algum outro jeito – respondi, entregando a mala para Grant. – Tome, mostre o quarto a ela. Tem gente me esperando.

Não olhei novamente para Blaire. Também não fiz contato com Grant. Precisava ficar longe dela. E precisava falar com Nan. Ela não ia ficar feliz, mas de jeito nenhum eu deixaria aquela garota dormir na picape. Ela chamaria atenção. Era maravilhosa e incapaz de cuidar de si mesma. Droga! Por que eu tive que trazer Abe Wynn para as nossas vidas? Era ele que estava causando toda essa merda.

Nan estava parada na porta com os braços cruzados sobre o peito, me fitando. Eu a queria irritada. Enquanto estivesse brava comigo, não choraria. Não conseguia lidar com ela quando chorava. Era sempre eu que tentava consolá-la desde que era pequena. Quando Nan chorava, eu imediatamente começava a tentar consertar as coisas.

– Por que ela ainda está aqui? – Nan perguntou, olhando por cima do meu ombro antes que eu pudesse fechar a porta e esconder o fato de que Grant estava vindo com Blaire.

– Precisamos conversar. – Segurei o braço dela e a puxei para longe da porta, na direção da escada. – Lá em cima. Você vai ficar gritando, e não quero escândalos – disse a ela, certificando-me de usar uma voz séria.

Minha irmã franziu a testa e subiu as escadas pisando duro, como uma menina de 5 anos.

Eu a segui, esperando que Nan ficasse longe da porta o suficiente antes que ela se abrisse. Só consegui respirar fundo quando ela entrou em seu antigo quarto de quando esta era nossa casa de veraneio. Antes de eu ser maior de idade e assumir o que era meu.

– Você engoliu o papo dela, não foi? Grant convenceu você! Eu devia ter ido atrás dele. Ele é um idiota. Está fazendo isso só para me atingir – disparou ela antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

– Ela vai ficar no quarto embaixo da porra da escada. Nem a colocarei

num quarto de hóspedes aqui em cima. E é só até eu encontrar Abe e descobrir o que fazer. A picape não tem gasolina e ela está sem dinheiro para ficar num hotel. Se quer sentir raiva de alguém, ótimo, mas desconte no maldito do seu pai! – Eu não pretendia levantar a voz, mas, quanto mais pensava no Abe fugindo para Paris sabendo que a filha estava vindo para cá numa picape caindo aos pedaços e sem dinheiro, mais puto eu ficava. Alguma coisa poderia ter acontecido com ela. Ela era tão frágil e carente...

– Você a achou gostosa. Eu vi o jeito que você olhou para ela. Não sou burra. É só isso – disse Nan, antes de fazer beicinho. – A presença dela me magoa, Rush. Você sabe disso. Ela teve o papai por dezesseis anos. Agora é a minha vez!

Balancei a cabeça, sem acreditar. Nan achava que tinha Abe agora? Sério? Ele estava viajando, aproveitando Paris com o dinheiro da minha mãe, e minha irmã pensava que por isso ela havia vencido?

– Ele não passa de um fracassado, Nan. Blaire teve aquele idiota como pai por dezesseis anos. Isso não significa que ela ganhou alguma coisa. Ele a mandou vir para cá prometendo ajudá-la. Sabia que era uma garotinha indefesa com grandes olhos tristes da qual qualquer homem pode tirar vantagem. – Segurei a língua, porque já estava falando demais.

Nan arregalou os olhos.

– Puta merda! Não vá comê-la! Entendeu? Não tenha nada com ela! Ela vai embora assim que você puder expulsá-la. Eu não a quero aqui.

Conversar com minha irmã era como conversar com uma parede. Ela era muito teimosa. Eu não aguentava mais. Nan podia fazer todas as exigências que quisesse, mas a casa era minha. O apartamento dela era meu. Tudo na vida dela era meu. Eu estava no controle. Não ela.

– Volte para a sua festa e os seus amigos. Eu vou para a cama. E me deixe lidar com a situação do jeito certo – disse, e então me virei e fui andando em direção à porta.

– Mas você vai comê-la, não vai? – Nan perguntou atrás de mim.

Eu queria que ela parasse de usar aquela palavra para se referir a Blaire, porque, puta que pariu, estava me fazendo pensar naqueles cabelos louros claríssimos no meu travesseiro e naqueles grandes olhos me olhando durante o orgasmo. Não respondi. Eu não ia comer Blaire Wynn. Eu ficaria o mais longe possível dela. Mas Nan também não me daria ordens. Eu fazia as minhas próprias escolhas.

CAPÍTULO 3

A música estava bombando lá embaixo, mas eu sabia que não escutaria nada do quarto. Não estava a fim de toda aquela merda. Não estava a fim antes de Blaire Wynn aparecer, e com certeza não estava a fim agora.

– Aí está você – arrulhou uma mulher, e, quando me virei, uma das amigas de Nan vinha na minha direção. A saia era tão curta que a bunda quase aparecia. Foi o único motivo pelo qual prestei atenção nela. Era difícil não notar uma bunda assim. Mas não me lembrava do nome dela.

– Está perdida? – perguntei. Não gostei de ela ter subido até ali. Tinha imposto a regra de manter a festa longe do meu espaço.

Ela empinou o peito e mordeu o lábio inferior antes de piscar os olhos para mim. Com longos cílios postiços. Nada parecidos com os de Blaire. Porra. Por que eu estava pensando em Blaire?

– Estou exatamente onde quero estar. Com você – disse ela em um sussurro rouco, antes de apertar os seios contra o meu peito e descer a mão até o meu pau. – Já ouvi falar sobre como você sabe fazer uma mulher se sentir. Como você faz com que ela dê gritos de prazer – provocou, me apertando suavemente. – Me faça gozar, Rush.

Segurei uma mecha dos cabelos louros dela. Não eram tão louros quanto... não. Caramba, eu estava fazendo aquilo de novo. Comparando tudo com Blaire. Era uma questão que eu precisava controlar... imediatamente.

– Implore.

– Por favor, Rush – ela pediu rapidamente, acordando meu pau desinteressado. – Eu quero que você me coma, por favor.

Ela era boa. Quase parecia uma atriz pornô.

– É só sexo, gata. Nada além disso. E só esta noite – avisei. Sempre garantia que elas entendessem as regras. Não repetiríamos aquilo, a menos que ela fosse muito boa.

– Humm, vou lembrá-lo de que disse isso – falou ela, piscando para mim como se não acreditasse. Ou ela era incrível na cama ou estava sendo

otimista. Eu raramente voltava para uma segunda rodada. – Onde é o seu quarto? – perguntou, dando um beijo no meu peito.

– Não vou levar você para o meu quarto – informei, empurrando-a de costas até ela entrar no quarto de hóspedes que eu usava para sexo. Garotas não entravam no meu quarto. Era um lugar só meu, e eu não queria lembranças de mulheres lá em cima.

– Ah, Sr. Impaciente – disse ela, rindo, enquanto tirava a saia e lambia os lábios. – Sou especialista em boquete.

Tirei a camisa e me sentei na cama.

– Prove – respondi.

O cheiro do perfume atingiu o meu nariz, e eu estreitei os olhos contra o sol, amaldiçoando quem quer que tivesse deixado as malditas cortinas abertas. Rolei na cama, e o corpo nu ao meu lado fez um barulho. Ela havia passado a noite. Merda. Eu detestava aquelas que não iam embora. Eram as grudentas. As que ficavam pensando que era mais do que uma trepada. Achava mesmo que ficar de joelhos e me chupar sem nem ao menos dizer seu nome lhe daria pontos?

Levantei, encontrei meu jeans e me vesti. A garota bocejou, e eu decidi deixar a camisa lá e sair correndo enquanto dava tempo. Ela entenderia a indireta quando não me encontrasse. Abri a porta lentamente, saí para o corredor e fui até a escada. Se eu fosse para o meu quarto, ela iria atrás bater na minha porta. Eu poderia ir até a praia dar uma corrida. Mas, antes, precisava de café.

Preparei uma xícara, e segui em direção às portas francesas que davam para a varanda. No instante em que cheguei à porta, eu a vi. Os cabelos compridos e sedosos balançavam com a brisa, enquanto ela admirava o mar. Eu adorava aquela vista, me sentia em paz. Imaginei o que ela estava pensando. Achava que Abe não voltaria? Conseguiria dar um jeito de ir embora? Ou era interesseira como o pai?

Depois de uma noite de sexo com uma amiga sem nome da minha irmã, fiquei pensando em como me aproximaria de Blaire. Ela não se atiraria para cima de mim, e com certeza não se ajoelharia para me chupar se eu mandasse. Por que caralho a ideia de inocência me atraía? Isso era complicado. Eu não gostava de nada complicado. Mas não conseguia ignorá-la. Não nessa manhã. Precisava ver o rosto dela de novo e constatar se era

sincero. Estaria chateada por ter tido que dormir embaixo da escada? Mostraria as garras agora?

– Essa vista nunca fica velha – comentei, fazendo-a se virar, boquiaberta.

Eu a assustara. Comecei a rir quando seu olhar desceu pelo meu peito nu e parou no abdômen. Mas que diabos? Ela estava me conferindo. Talvez não fosse tão inocente assim. A ideia me embrulhou o estômago.

– Está gostando da vista? – perguntei, disfarçando minha decepção.

Ela piscou rapidamente, como se despertando de um transe, e desviou o olhar para o meu rosto novamente. Detestei a ideia de ela se atirar para cima de mim. Não queria que ela fosse como as outras. Por que diabos isso importava, eu não sabia, mas importava.

– Não quero interrompê-la. Eu também estava gostando – disse a ela, sem conseguir disfarçar o incômodo.

Tomei um gole de café. Ela ficou com o rosto vermelho e voltou-se de frente para o mar. Por que o simples fato de que ela havia sido flagrada e ficado envergonhada me deixou tão feliz, cacete? Droga. Não consegui deixar de rir.

– Ah, você está aí. Senti sua falta na cama quando acordei. – Reconheci a voz da noite anterior. Merda. Eu me distraíra, e ela havia me encontrado.

Blaire se virou de novo para olhar para mim, e então seus olhos se voltaram para a garota que se esfregava no meu corpo. Isso era ótimo. Ela precisava ver o babaca que eu podia ser. Era isso que eu queria. Assim ela ficaria longe de mim. Mas o lampejo de interesse nos olhos de Blaire quando a garota passou as unhas pelo meu peito me fizeram sentir coisas que eu não queria admitir.

– Está na hora de você ir embora – falei, afastando a mão dela e apontando a porta da frente.

– Como é? – rebateu a garota, com surpresa na voz, como se eu não tivesse avisado na noite anterior que aquilo não aconteceria de novo.

– Você conseguiu o que queria vindo aqui, gata. Queria que eu te comesse. Conseguiu. Agora já deu para mim.

– Você só pode estar de sacanagem! – disparou, furiosa.

Talvez ela não tivesse acreditado em mim. Azar o dela.

Balancei a cabeça diante da minha própria estupidez e tomei mais um gole de café. Um dia, eu aprenderia que fazer sexo casual com essas grudentas que passavam a noite era um problema.

– Não pode fazer isso comigo. Nossa noite foi incrível. Você sabe que foi – choramingou ela, estendendo a mão para o meu braço, que eu logo afastei. Não era mais hora de “Implore ao Rush”. Tínhamos feito isso na noite anterior. Fora divertido. Ela gozara tantas vezes que perdera a conta. Mas, para mim, tinha sido medíocre.

– Eu avisei ontem à noite quando você chegou implorando e tirando a roupa... A única coisa que iria acontecer seria uma noite de sexo. E só – falei, irritado por precisar lembrá-la disso.

Não olhei de novo para ela. Fiquei admirando o mar e tomei alguns goles do café como se a garota já não estivesse mais ali. Ela saiu pisando duro.

A expressão horrorizada no rosto de Blaire fez com que eu logo me recuperasse da interrupção feita pelo meu erro da noite anterior.

– Então, dormiu bem? – perguntei.

O quarto era apertado. Além disso, a escada e o barulho da casa provavelmente perturbaram o sono dela. Era sua chance de reclamar. Mostrar a que veio.

– Você faz isso sempre? – Blaire questionou, com uma expressão irritada no rosto. Que linda... caramba.

– O quê? Perguntar às pessoas se elas dormiram bem? – Eu não ia deixar que o rostinho dela me afetasse. Ela iria embora assim que eu conversasse com Abe. Era problema dele, não meu. O fato de que eu gostava de olhar para ela era mais um motivo para que eu a mandasse embora dali.

– Transar com garotas e depois jogá-las fora feito lixo? – retrucou.

Os grandes olhos dela se arregalaram, como se ela tivesse ficado chocada com as palavras que saíram da própria boca.

Tive vontade de rir. Ela tornava difícil manter o foco. Larguei a xícara e deitei na espreguiçadeira. A melhor estratégia era fazer Blaire me odiar. Eu estaria fazendo um favor a nós dois.

– E você, sempre mete o nariz onde não é chamada? – disparei.

Em vez da raiva que eu esperava que flamejasse em seus olhos, vi remorso. Sério? Eu estava sendo um babaca. Ela não devia se sentir culpada por ter chamado a minha atenção por causa da merda que eu havia feito.

– Não, em geral, não. Desculpe – respondeu com um meio sorriso constrangido, entrando em casa rapidamente.

Que porra foi aquela? Ela tinha mesmo acabado de pedir desculpas? De

onde vinha essa garota? Mulheres não costumam agir assim. Ninguém ensinara a ela que não devia baixar a guarda diante de valentões?

Fiquei de pé e me virei para olhar para dentro. Ela estava recolhendo garrafas vazias e lixo espalhado pela casa. Eu detestava bagunça, mas tentava ignorar quando Nan dava festas.

– Não precisa fazer isso. Henrietta vem amanhã – avisei, detestando vê-la limpar tudo.

Blaire colocou as garrafas no lixo que havia juntado e olhou novamente para mim.

– Só pensei que poderia ajudar.

Eu ia ligar para o pai dela naquela manhã. Precisava tirá-la da minha casa. Até lá, garantiria que ela me odiasse.

– Eu já tenho empregada. Não estou procurando outra, se é isso que está pensando. – O tom duro que usei me deu vontade de recuar, mas mantive a expressão entediada no rosto. Eu a havia aperfeiçoado anos atrás. Não podia olhar para Blaire naquele momento.

– Não, eu sei. Só estava tentando ser prestativa. Você me deixou dormir na sua casa ontem. – Ela falou com a voz suave e suplicante, como se pedisse que eu acreditasse nela. Merda.

Precisávamos estabelecer algumas regras antes que eu ferasse tudo.

– Sobre isso... a gente precisa conversar.

– Está bem – sussurrou.

Caramba, por que ela soava tão derrotada? Eu nem havia chutado o cachorrinho dela.

– Eu não gosto do seu pai. Ele é um aproveitador. Minha mãe sempre arruma homens assim. É um talento dela. Mas acho que você já sabe disso sobre ele. Então estou curioso: por que você veio pedir a ajuda dele se sabia como ele era?

Eu precisava que ela me contasse a verdade. Ou flagrá-la em uma mentira. Não poderia mantê-la aqui por muito mais tempo. As pernas compridas dela e os grandes olhos azuis estavam me deixando maluco.

– Minha mãe acabou de morrer. De câncer. Três anos de tratamento custam caro. A única coisa que tínhamos era a casa que a minha avó nos deixou. Tive que vender a casa e todo o resto para pagar as contas de hospital da minha mãe. Não vejo o meu pai desde que ele nos abandonou, cinco anos atrás. Mas ele agora é o meu único parente. Não tenho mais ninguém

a quem pedir ajuda. Preciso de um lugar para ficar até conseguir um emprego e receber alguns salários. Aí vou arrumar a minha própria casa. Minha intenção nunca foi passar muito tempo aqui. Sabia que o meu pai não iria querer que eu ficasse. – Ela fez uma pausa e riu, mas não de verdade. Foi uma risada cheia de dor, o que só me revirou o estômago. – Mas jamais imaginei que ele fosse fugir antes de eu chegar.

Putá que pariu. Eu ia matar Abe Wynn. O desgraçado abandonou a filha enquanto ela cuidava da mãe com câncer? Que tipo de monstro faz esse tipo de merda? Eu não podia expulsá-la. Iria, no entanto, transformar a vida de Abe num verdadeiro inferno. O idiota ia pagar por isso.

– Sinto muito pela sua mãe – consegui dizer, apesar do sangue fervendo nas veias. – Deve ser duro. Você disse que ela passou três anos doente. Desde que você tinha 16? – Ela era uma criança. Ele a abandonara, e ela era apenas uma criança.

Blaire assentiu com a cabeça e ficou me olhando com cautela.

– Você está planejando arrumar um emprego e uma casa para morar – repeti, querendo lembrar a mim mesmo que este era o plano dela. Eu poderia ajudá-la por algum tempo até que conseguisse realizá-lo. Alguém precisava ajudá-la, caramba. Ela estava sozinha, porra. – O quarto debaixo da escada é seu por um mês. Nesse tempo, você precisa arrumar um emprego e juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Destin não fica muito longe daqui e o custo de vida lá é mais acessível. Se os nossos pais voltarem antes disso, imagino que seu pai poderá ajudar você.

Blaire soltou um pequeno suspiro, relaxando os ombros.

– Obrigada.

Não consegui olhar para ela. Eu tinha vontade de matar Abe com as minhas próprias mãos. Naquele momento, não tive como priorizar Nan e sua carência de um pai. O homem que ela queria como pai era um filho da mãe. Um filho da mãe que eu ia fazer pagar por toda essa merda.

– Tenho umas coisas para fazer. Boa sorte na caça ao emprego – disse, antes de me afastar dela. Precisava fazer uma ligação.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br